

O cinema como dispositivo para tematizar aspectos relativos à língua de sinais e à cultura surda

Mayara B. Raugust¹

Universidade Federal de Pelotas

Karina Ávila Pereira²

Universidade Federal de Pelotas

Resumo: O presente artigo está inserido no campo das discussões contemporâneas sobre a cultura surda e suas articulações com a língua brasileira de sinais - Libras. O texto apresenta um Projeto de Ensino intitulado CINELIBRAS, o qual foi desenvolvido entre acadêmicos das mais diversas licenciaturas da Universidade Federal de Pelotas. O Objetivo principal foi desenvolver, aprofundar e incentivar através do cinema temas referentes às línguas de sinais e à cultura surda nos acadêmicos que serão futuros professores. Dessa forma, foram feitas sessões de cinema quinzenais, com a exposição de filmes com temática relacionada às línguas de sinais e cultura surda e, após a exposição, houve um determinado tempo para discussões e para que os alunos se manifestassem em relação ao que tinham assistido, oportunizando-se um momento de troca de experiências. A avaliação do projeto foi feita a partir de narrativas que os acadêmicos eram solicitados a escrever

¹ Atualmente é professora do quadro efetivo da Universidade Federal de Pelotas. Trabalha no ensino de Libras como segunda língua para ouvintes nos cursos de licenciatura. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Atualmente é professora do quadro efetivo da Universidade Federal de Pelotas. Trabalha no ensino da Libras como segunda língua para ouvintes nos cursos de licenciatura. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeL).

O cinema como dispositivo para tematizar aspectos relativos à língua de sinais...

após essas discussões. Nessas narrativas percebeu-se o quanto a temática da cultura surda e da Libras ainda é desconhecida por parte dos acadêmicos. Após a exibição dos filmes e do momento da discussão, os alunos tiveram a oportunidade de rever conceitos já engessados sobre os sujeitos surdos, usuários da Libras, e essa reflexão possibilitou mudanças conceituais para esses futuros professores.

Palavras-chave: Ensino de libras; metodologias de ensino; cinema.

Title: Cinema as a device for thematizing aspects related to sign language and deaf culture

Abstract: The present article is inserted in the field of the contemporary discussions on the deaf culture and its articulations with the Brazilian Sign Language – Libras. The text presents a Teaching Project titled CINELIBRAS, which was developed among academics of the most different colleges from Federal University of Pelotas. The aim was to develop, deepen and encourage through the cinema themes related to sign languages and deaf culture in the academics who will be future teachers. In this way, cinema sessions were held every fortnight with the exhibition of films related to sign languages and deaf culture and after that the exhibition of them there was a certain time for discussions and for students to express themselves in relation to what they had attended, providing a moment of exchange experiences. The evaluation of the project was made from narratives that the academics were asked to write after these discussions. In these narratives it was realized how much the subject of the deaf culture and of the Libras still are unknown for the academics. After the films were shown and the moment of the discussion, the students had the opportunity to review concepts that were already embedded on the deaf subjects, users of Libras, and this reflection made possible conceptual changes for these future teachers.

Keywords: Brazilian sign language teaching; teaching methodologies; cinema.

Introdução

Um projeto está constantemente permeado pelas memórias do pesquisador, caracterizando a produção de conhecimentos, ideias, sentimentos e conceitos, dando margem a um estudo que possibilite constituir interesses da pesquisa. Esses interesses de pesquisa não dão conta de desvendar uma verdade para determinar ou definir algo ou alguém, mas caracterizam-se por várias verdades, várias problematizações. O presente projeto parte de algumas problematizações que os professores de Libras, principalmente da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, vêm percebendo como importantes a respeito das disciplinas de Libras ofertadas aos cursos de graduação.

Somos frequentemente atravessados por uma enorme lista de conteúdos que devem ser ensinados na disciplina de Libras para os acadêmicos. Muitas vezes, os alunos terminam a disciplina com um vasto vocabulário da língua, mas sem um conhecimento aprofundado sobre as temáticas que a engendram como a cultura surda, as formas de ensino-aprendizagem da Libras, como se dá a interação com esses sujeitos, e conteúdos curriculares para surdos. Em consonância, muitos desses acadêmicos, quando concluem a graduação, poderão atuar em escolas e locais que atualmente já têm incorporado em seu contexto sujeitos surdos, mas como não possuem contato frequente com os sujeitos surdos, e com as temáticas acima trazidas, acabam sentindo-se despreparados para atuarem nesses contextos.

Levando-se em consideração esses apontamentos e objetivando uma transformação da atual realidade acadêmica, o Projeto de Ensino CineLibras surge com o intuito de possibilitar uma alternativa para que os discentes que já cursaram, ou estão cursando a disciplina de Libras na instituição, possam se inteirar de temáticas relacionadas a essa língua e seu contexto cultural. A fim de proporcionar essa e outras experiências, o projeto objetiva também levantar discussões sobre os temas abordados nos filmes e documentários, oportunizando-se um momento de trocas entre os participantes e conseqüentemente de refletir sobre o papel dos

futuros professores de alunos surdos e sobre a especificidade linguística que esses sujeitos possuem.

É nesse sentido que o projeto tem buscado possibilidades de constituir uma experiência de fato significativa nos participantes, a fim de que os mesmos sejam levados a um interesse cada vez maior pela língua e suas conjecturas. Também, um interesse por todos os outros elementos que a cercam, como a cultura na qual ela está inserida, os costumes, as formas de pensar e entender o mundo, o contexto educacional e as políticas públicas que amparam esses sujeitos. A intenção do projeto não é a busca por uma resposta sobre métodos de ensino, interação com os surdos, e melhor utilização da língua de sinais, mas fazer o movimento de problematizar, trazer possibilidades sobre os mesmos, possibilidades que nesse momento nos levam a reflexões críticas sobre o contexto da área da surdez, bem como da língua de sinais.

A Libras, Língua Brasileira de Sinais, é uma língua de característica visual-espacial, em que a produção de significados se dá pelo conjunto de movimentos no espaço, movimentos com o tronco, com os braços e com as mãos e pelas expressões faciais e corporais. Essa língua tem sido legitimada principalmente pela comunidade surda, que com suas lutas e movimentos tem conquistado seus direitos. Um deles foi o reconhecimento da Libras em 2002, através da Lei 10.436, de 24 de abril, como meio legal de comunicação e expressão. Apesar de o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais ser um fato recente, os movimentos e a organização política dos surdos pelo mundo possuem uma história longa, datando aproximadamente dos anos vindouros de 1760. Essa data é referenciada à abertura da primeira escola de surdos do mundo, em Paris na França, por Abade de L'Épée. Nessa época, a criação da escola bem, como a conversação em língua de sinais não, era bem vista pela sociedade, principalmente pelos ouvintes, que lutavam por escolas onde a metodologia utilizada fosse o oralismo³.

³ Trata-se de um método da educação de surdos que foi consolidado no Congresso de Milão em 1880, o qual definiu o oralismo como método a ser adotado na educação de surdos,

Sabendo desses impasses, os surdos aproveitavam os festejos de aniversário de L'Épèe para se deslocarem de diversas regiões a fim de encontrarem-se e reunirem-se enquanto grupo. Mottez (1992) comenta que nasce desse encontro comemorativo, em 1834, o primeiro movimento surdo. A partir da fundação da escola de surdos de Paris e dos festejos a L'Épèe, muitos surdos que estavam isolados e reclusos em casa passam a compartilhar suas vidas em comunidade.

Esses feitos começam a constituir grupos surdos os quais passam a conversar e discutir sobre a união e o poder que juntos eles tinham. Essas reuniões se tornam cada vez mais frequentes até que os surdos passam a formar as primeiras associações de surdos, desempenhando ações de lazer, assistência, trabalho, sempre discutindo e lutando pelos direitos que, até então, lhes eram negados. Entre 1866 e 1893 surgem associações de surdos por diversas regiões do mundo.

Na década de 1960, a comunidade surda já havia iniciado a criação de associações de surdos em vários estados do Brasil. Na época, a língua de sinais ainda não era totalmente aceita e não era comum que os surdos sinalizassem em lugares públicos. Ainda predominava a “perspectiva clínica do oralismo”, que “buscava a normalização dos surdos, tratando-os como deficientes e incapazes” (LEBEDEFF et al., 2012, p.234). A fim de pôr um fim às práticas oralistas e lutar em defesa dos seus direitos, principalmente o do uso de sua primeira língua, a língua de sinais, vários movimentos surdos ocorreram dos anos 1960 para cá, dentre eles, em 1983, a Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos.

Dos anos 1990 em diante, os surdos passam a se organizar mais formalmente com o objetivo de lutarem para que seus direitos de acesso à língua, cultura e educação fossem atendidos em todas as esferas. Em 1999, os surdos da América Latina reuniram-se no V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos, considerado um marco para a comunidade surda, pois nesse congresso foi criado um documento intitulado “A Educação que Nós surdos Queremos”. Tal documento torna-

respaldado em um conjunto de interesses que legitimaram o ensino da fala em relação à língua de sinais.

se um instrumento de força pela reivindicação da legitimação e oficialização de sua língua, como também pelos direitos a uma educação que atendesse às suas características.

Esses movimentos surdos trouxeram novas perspectivas sobre a surdez:

[...] surdez não mais pela perspectiva da falta: falta de língua, falta de audição, falta de fala, entre outros. O movimento surdo possibilitou e interpelou os ouvintes a compreenderem a surdez pela perspectiva da presença: a presença de língua, a presença de uma cultura, a presença da experiência visual, a presença de modos diferentes de interpretar e se relacionar com o mundo, entre muitas coisas (LEBEDEFF et al., 2012, p.236).

Em decorrência desses movimentos e lutas, em 2002 os surdos conquistaram a oficialização de sua língua como “meio legal de comunicação e expressão” (Lei 10.436, de 24 de abril) e, posteriormente, a regulamentação através do Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Além desse reconhecimento da Libras como língua pela Lei de 2002, o Decreto 5.626 surge com o intuito de regulamentá-la. Dessa forma, ele contribui para o apoio à educação de surdos, desde a formação de professores e instrutores de Libras, até a inclusão da Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores e licenciaturas.

Essa legitimação da Libras ocorre meio dos diversos discursos, entre eles, o discurso cultural, o linguístico, o político, o legal, etc., que operam nos diversos contextos sociais. O discurso é entendido neste artigo, por meio dos Estudos Culturais,⁴ como um conjunto de enunciados constituídos através da linguagem. Esta constrói significados, verdades e produz por meio dos discursos a realidade. Como afirma Fischer,

[...] os discursos são históricos, não só porque se constroem num certo tempo e lugar, mas porque têm uma positividade concreta, investem-se em práticas, em instituições, em um número infindável

⁴ Os Estudos Culturais podem ser entendidos como um campo não homogêneo que analisa as produções culturais de determinadas culturas, assim como suas práticas (PINHEIRO, 2012).

de técnicas e procedimentos que, em última análise, agem nos grupos sociais, nos indivíduos, sobretudo nos corpos (2007, p.55).

A ideia de discurso trazida aqui ancora-se no sentido foucaultiano do termo, que diz respeito ao conjunto de enunciados de determinado campo do saber, os quais agem nos diversos sujeitos e nas diversas esferas sociais. Assim, supõe-se um campo de saberes articulados entre si, constituídos historicamente e em meio a disputas de poder. Os enunciados de um discurso podem ser compreendidos e analisados a partir de várias formas que um discurso pode assumir na sua materialidade, dentre elas, constituições do senso comum, imagens diversas, representações sobre objetos, etc. Foucault (2015, p.60) nos conduz a como tratar os discursos, não “como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representação), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”.

O sujeito nesse sentido é visto como produtor do discurso, sendo sempre um lugar a ser ocupado no discurso, não sendo ele, o próprio sujeito, que enuncia como um sujeito do discurso, como fonte daquilo que é dito. Ele se produz, se constitui no discurso, nos diferentes discursos que estão aí, circulando, pairando a fim de operarem com e em alguém. Os discursos também não escondem verdades e que, ao encontrá-las, chegaremos a uma verdade absoluta. Os discursos produzem, constituem sujeitos e verdades através dos seus diversos enunciados, os quais não funcionam sozinhos, isolados, mas estão a todo o momento buscando outros aliados. Desse modo, podemos perceber que o discurso produzido pela comunidade surda, o discurso produzido pelas Leis, e pela comunidade acadêmica constituem-se como verdades para as Instituições de Ensino Superior e, principalmente, para os cursos de licenciatura.

Podemos perceber que as práticas de ensino da língua e da cultura surda, os planos de ensino ou as ementas, as legislações, são produtos de uma prática discursiva que as constitui enquanto as nomeia. Não há, então, uma prática de ensino da língua e da cultura surda, ou um currículo esperando para ser descoberto, mas há abordagens que as produzem (sejam elas políticas, legislativas, pedagógicas, teóricas e/ou práticas). Uma

dessas abordagens tem sido o projeto CineLibras, que busca através de filmes que tratam da temática da surdez e da Língua de Sinais, um aprofundamento teórico para os futuros professores.

O Decreto 5.625 fala da obrigatoriedade da disciplina de Libras, mas não prevê em sua Lei a forma e os conteúdos relacionados à língua que devem ser ensinados, possibilitando às Instituições de Ensino certa liberdade no momento de estruturação da disciplina. Como a disciplina de Libras é ofertada, na maioria das vezes, como disciplina básica, muitos alunos matriculam-se, aprendem introdutoriamente a língua, mas durante a disciplina não há um aprofundamento teórico e metodológicos sobre outros temas relacionados a Libras, como a cultura surda, a educação de surdos, a relação entre surdos e ouvintes, etc. Isso porque os alunos interessados em dar continuidade aos estudos da Libras não encontram disciplinas que abordem especificamente as temáticas já referidas, encontrando apenas as disciplinas de Libras II e Libras III, as quais oferecerão aprofundamento gramatical.

Da mesma forma, as disciplinas de Libras são constituídas, principalmente, por conteúdos que abordam especificamente a língua, havendo um excesso de vocabulário e estruturas gramaticais a serem ensinados. Em decorrência da volumosa quantidade de conteúdos e da pouca carga horária, principalmente os conteúdos teóricos são ensinados superficialmente, focando-se no ensino da língua. O que ocorre é a falta de conhecimento teórico dos acadêmicos em relação à Libras e a demais assuntos que a englobam e, conseqüentemente, o despreparo do futuro acadêmico licenciado no momento de receber um aluno surdo no espaço escolar.

A partir das questões apresentadas acima, passa-se a questionar, a levantar algumas questões, as quais potencializaram o desenvolvimento deste projeto. Dentre elas: os alunos conseguem, apenas com a disciplina de Libras, aprender e desenvolver uma concepção crítica a respeito da língua, da cultura e demais temáticas que abarcam a surdez e o ensino de surdos? Os alunos conseguem aprender e desenvolver habilidades para o ensino dessa língua, compreendendo todas as demais questões que a envolve?

Após a disciplina de Libras, caso o aluno queira dar continuidade nos estudos sobre a Libras, sobre os processos de ensino-aprendizagem da mesma e o envolvimento cultural que ela possui na constituição das identidades surdas, como conseguirá se são raros os cursos que abordam essas temáticas? Com que base teórico-metodológicas os futuros licenciados atuarão no espaço escola, se na disciplina de Libras nem sempre é possível abordá-los plenamente?

Essas e outras questões foram fundamentais na elaboração do projeto, que tem como objetivo problematizar o ensino de Libras para os alunos de graduação das Instituições de Ensino Superior, mas mais que isso, possibilitar experiências com o contexto da surdez, da cultura surda, despertando nos alunos interesse em se envolver cada vez mais com essa temática. Para isso, surge o projeto CineLibras, que é um projeto com sessões de filmes que tratam da temática da surdez e da língua de sinais, e que, principalmente, busca desenvolver com os alunos um aprofundamento teórico e uma consciência cada vez maior em relação ao ensino de Libras atrelado à cultura surda. Assim, não se está somente trabalhando com a língua em si, mas com todo o contexto que engloba essa língua, tratando de assuntos como: cultura surda, identidade, comunidade, aspectos linguísticos da Libras, etc.

Conceitos principais do projeto: dispositivo, cultura e cultura surda na perspectiva do CineLibras

A Libras é considerada uma língua e, como tal, está em constante análise, principalmente no que diz respeito aos estudos linguísticos como a Fonética, a Fonologia, a Morfologia, a Sintaxe, a Semântica e a Pragmática. Além disso, os sinais estudados e identificados seguem regras gramaticais que ajudam a estruturar a língua para uma comunicação eficiente. Por exemplo, um sinal já identificado precisa atender a uma locação e a uma configuração de mão de acordo com as normas da língua, para estabelecer a comunicação entre os falantes da mesma. Ferreira-Brito (2010) mostra em sua pesquisa que existe diferença entre modalidade oral-auditiva e

visuo-espacial, pois a Libras é articulada no espaço e percebida visualmente.

Para refletir um pouco sobre essa questão, pensemos sobre os falantes nativos da língua oral. Eles começam a aprender a falar, descobrindo palavras, significados e, assim, vão internalizando as regras da língua, no convívio com outros ouvintes. Da mesma forma ocorre na Libras, quando o surdo em contato com um sinalizante da língua apropria-se da sua estrutura gramatical, percebendo que uma configuração de mão, uma orientação, e uma locação juntas, formam o sinal. É através da aquisição dessa língua que o surdo pode partilhar experiências, transmitir emoções, desenvolver conhecimentos e compartilhar informações na comunidade surda, constituindo, assim, a sua cultura.

Os surdos são entendidos como um grupo organizado cultural e linguisticamente; um grupo que possui suas próprias experiências de ser surdo e que constrói as suas identidades; se constitui enquanto comunidade, com cultura, identidade e línguas próprias. Trata-se de um grupo culturalmente diferente, o qual percebe o mundo à sua volta e relaciona-se com ele de uma forma que não é a oral-auditiva, mas por meio de experiências visuais e de uma língua de modalidade visuo-espacial, a Língua de Sinais. Ela está imbricada na cultura surda e é considerada pela comunidade surda um marco da diferença, da representação desse grupo.

Ao conceituar a Língua de Sinais, observamos que, assim como outras línguas, ela está inserida em uma cultura, a cultura surda. Mas o que seria essa cultura surda? A intenção de conceituar o que seria cultura surda aqui tem como principal intenção não criar essencialismos ou fixidez para tal termo, pois o que temos visto, como afirma Gomes (2011, p.26), é que “a cultura surda constitui-se em uma recorrência discursiva em diferentes espaços e vem sendo tão frequente que este tema tem sido naturalizado ao invés de problematizado, a ponto de em alguns momentos, engessar-se e produzir uma escrita fixa sobre o sujeito”.

Antes de trazermos uma reflexão sobre a cultura surda, precisamos referir-nos de onde falamos teoricamente. Para tanto, precisamos

situar as concepções de cultura que inserem-se na discussão sobre a cultura surda. O estudo da cultura, das identidades e das diferenças são marcas dos Estudos Surdos e estão centrados, principalmente, no exercício da língua de sinais. Os Estudos Surdos articulam-se com os Estudos Culturais e têm mostrado as diferenças existentes entre os sujeitos de uma mesma comunidade, que têm suas características próprias, têm gostos e vontades que marcam o jeito de cada um de ser, de pensar e de desejar, a partir de diferentes gêneros, raças e etnias que contribuem para formação da sociedade. Na perspectiva de Estudos Culturais, o campo da pesquisa sobre as diversidades, as identidades e as culturas diferentes, consiste nas questões relativas à forma como um indivíduo percebe-se dentro de uma cultura, e a forma como se relaciona com essas diferenças, culturas e identidades.

Entendemos que a cultura hoje, como afirma Hall (1997), tem papel importantíssimo na constituição da vida social, na constituição de sujeitos culturais. Tomando a cultura como foco central nas diversas discussões da contemporaneidade, ela apresenta-se como determinante da vida social. Ela penetra em cada parte da vida social contemporânea, com tamanha rapidez através dos meios de comunicação e tecnologias, mediando tudo que está ao seu redor. Veiga-Neto (2000, p.40) diz que *"a cultura está imbricada indissoluvelmente com relações de poder, deriva dessas relações de poder a significação que é relevante para cada grupo"*.

A cultura, então, é mais do que gostos, ritos e crenças. Ela é constituída em um emaranhado discursivo, o qual, mediante a linguagem, significa e produz sujeitos por meio das relações de poder/saber. Esse emaranhado discursivo *"toma sentido de verdade em uma constante disputa pela significação"* (PINHEIRO, 2012 p.14), em que *"o outro é inventado, constituído e, portanto, significado"* (Idem, p.14). Nesse processo de significação, a linguagem adquire importância e a cultura também, pois *"estamos sempre e irremediavelmente mergulhados na linguagem e numa cultura, de modo que aquilo que dizemos sobre elas não está jamais isento delas mesmas"* (VEIGA-NETO, 2003, p.14).

Essa centralidade da linguagem dá-se em função de ela não mais assumir o papel de comunicadora, de informação, mas ela é configurada como produção assim como a cultura também não assume mais um conceito fixo e fechado, mas é constituída discursivamente, por isso sua estreita relação com a linguagem. Sendo assim, a cultura, atrelada à linguagem, produz identidades num contexto variado de significados, *“esses produzidos e articulados em um jogo de poder/saber”* (PINHEIRO, 2012, p.22).

Também no interior das culturas ocorrem mudanças de significados, evidenciando que ali há vários significados em jogo, cada um buscando legitimar-se e impor-se em relação aos outros. Esses significados, ao exercerem um poder, legitimam comportamentos, modos de agir e ser; moldam e transformam sujeitos e grupos sociais. A cultura não está somente relacionada a um lugar, território ou singularidade linguística; ela é mais do que essa concepção simplista, sendo constituída e constituindo através de relações e processos de significação, e os sujeitos que dela participam partilham um processo social e histórico.

Nos últimos anos, alguns surdos têm se movimentado e lutado pelo reconhecimento de uma cultura surda, afirmando que essa é fator fundamental para sua constituição como sujeitos. No entanto, como dito anteriormente, buscando um constante deslocamento em relação a um conceito fixo de cultura surda, é possível pensá-la como estando imbricada nas relações de poder/saber, não havendo uma essência da cultura surda em oposição à essência de outras culturas. O que ocorre são relações de força, borramento de fronteiras, relações de poder, ou seja, há algo que é e se constitui na cultura surda, assim como há algo que é e se constitui nas demais culturas. Mais que isso, há algo que é produzido nessas relações entre culturas diferentes e que é sempre conflituoso, pois se constitui num campo de forças onde alguns significados estão lutando para se imporem. A todo o momento, o que é da cultura surda está operando nesses campos de força, tentando impor-se às outras culturas e, dessa forma, buscando impor os seus significados.

O termo cultura surda emerge como força discursiva nos mais diferentes lugares, e os discursos sobre ela se constituem por meio do saber dos sujeitos surdos, saberes esses produzidos pelos próprios surdos. Tais saberes são constituídos e legitimados, tomando um status de verdade no cotidiano dos sujeitos. Assim, há vários discursos a respeito da cultura surda. O discurso mais recorrente entre os surdos e vários pesquisadores da área da educação de surdos é que a cultura surda *"se justifica através de um purismo cultural e se apropria de enunciados discursivos como estratégia política, funcionando como um conceito fechado e fixo engendrando práticas pedagógicas, constituindo e significando o ser surdo"* (GOMES, 2011, p.12-13). Esses discursos constituem-se como saberes, os quais são postos em movimento cotidianamente, sendo constantemente renegociados.

Ou seja, não há somente uma conceituação sobre a cultura surda, da mesma forma que não é somente um território geográfico, ou a língua, ou uma essência o que constitui a cultura surda. Ela é constituída nos "processos de significação, e não são os sujeitos surdos que carregam a cultura surda, são os discursos que produzem tais representações, ou seja, existem tantas realidades quantas nosso discurso pode inventar" (PINHEIRO, 2012, p.61). O conceito de cultura surda é produto e produtor de novos pensamentos, saberes, ações e possibilidades. É produzido discursivamente, não se caracterizando por ser algo já constituído que necessita ser desvelado, mas que se produz no interior das práticas discursivas. Assim, a cultura surda "constitui os surdos como um grupo cultural, capaz de produzir significados a partir de suas experiências compartilhadas" (KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-LAZZARIN, 2011, p.18).

Esses saberes sobre a cultura surda promovem a subjetivação de muitos surdos por meio dos discursos produzidos e legitimados sobre essa cultura, moldando as formas de constituir o sujeito. Os modos de vida dos sujeitos surdos de diferentes localidades são diferentes, pois decorrem dos entrecruzamentos culturais. Com isso, não há intenção aqui de criar uma percepção superficial de cultura, mas problematizá-la no cenário atual, no qual as verdades e sentidos que a constituem estão se deslocando para uma nova configuração a fim de legitimar-se.

O intuito de trazer a problemática do conceito de cultura surda é poder agregar outros conceitos pertinentes que estão a todo o momento em movimento no projeto, juntamente ao de cultura surda. Não há como estancar um conceito único para cultura surda aqui, pois no decorrer das sessões de filmes, vamos percebendo os diferentes conceitos que a cultura surda vem constituindo e legitimando há bastante tempo pela comunidade surda, de diferentes maneiras e em diferentes lugares, e se apropriando de determinadas práticas, entendidas como práticas culturais surdas. Essas práticas são constituídas nas relações de poder/saber, instituindo novas formas de técnicas, de estratégias de negociação e de controle da cultura surda.

Entre essas técnicas e estratégias de negociação da cultura surda, o projeto destaca o dispositivo pedagógico do cinema. O termo *dispositivo* aqui é proposto a partir da concepção foucaultiana⁵. O conceito de dispositivo é constituído por Foucault como:

Uma rede tecida por um conjunto heterogêneo de discursos, instituições, formas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas; a natureza da relação que pode existir entre esse conjunto de elementos heterogêneos; o tipo de formação resultante da relação entre esses elementos, em um determinado momento histórico (1999, p.20).

Para Foucault, o dispositivo é uma relação entre o enunciável e o visível, entre as palavras e as coisas, entre as formas discursivas e não discursivas. Ele se estabelece como um conjunto de práticas e ferramentas, estratégias linguísticas, não linguísticas, jurídicas e técnicas que se relacionam ao mesmo tempo com o objetivo de produzir efeito sobre algo/algum. Ele se configura como uma "máquina que governa" por meio

⁵ Foucault diz que, em primeiro lugar, o dispositivo é um "*conjunto decididamente heterogêneo*", englobando vários elementos discursivos e não-discursivos; em segundo lugar, o dispositivo estabelece entre os elementos que o constituem "*um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções*", estando o dispositivo apoiado a outros dispositivos; e, em terceiro lugar, ele é "*como um tipo de formação que em um determinado momentos histórico teve como função principal responder a uma urgência*" (FOUCAULT, 1979, p.138).

de suas práticas e ferramentas, possuindo em si uma relação de forças, uma produção de saberes, estando saber e poder relacionados. O dispositivo está sempre nessas relações de poder e nos inscritos do saber.

O dispositivo também é compreendido como um conjunto de práticas, saberes e instituições que buscam produzir, cuidar, controlar as relações do sujeito consigo mesmo e suas ações. Da mesma forma, ele *"nomeia aquilo em que e por meio do qual se realiza uma pura atividade de governo sem nenhum fundamento no ser"* (AGAMBEN, 2010, p.38), implicando subjetivação, produção de si mesmo.

Nesse projeto, entendemos o cinema como um dispositivo, pois ao produzir formas de subjetivação no sujeito que está ali assistindo ao filme, pode fazer esse sujeito voltar-se para si e a si próprio subjetivar-se. Esses modos de subjetivação operam na dimensão da subjetividade do sujeito e criam novos modos, novos jeitos de constituir-se sujeito e de constituir a surdez e a Libras na contemporaneidade. Por meio do dispositivo do cinema há uma relação estabelecida entre os filmes e os espectadores e, podendo haver aí exercícios e práticas de elaboração do que os espectadores entendem por e nas imagens e mais, a partir dessas imagens, uma elaboração de si mesmos. Segundo Foucault (2001), as imagens são irredutíveis às interpretações discursivas, pois aquelas são e serão sempre inesgotáveis. Nesse sentido, para Foucault (2001, p.352) à imagem cabe,

Suscitar um acontecimento que transmita e magnifique o outro, que se combine com ele e produza, para todos aqueles que vierem a olhá-lo e para cada olhar singular pousado sobre ele, uma série ilimitada de novas passagens.

O que interessa, então, é toda a complexidade que está ali presente nas imagens, isso porque a imagem não se deixa fixar pelos supostos significados que a ela atribuem, mas desdobra-se a todo o momento em novas possibilidades de leitura. Deleuze afirma que a questão não é como ver a imagem, ou como atribuí-la um significado, mas como *"deslizar para dentro dela, já que cada imagem desliza agora sobre outras imagens, já que o fundo da imagem é sempre já uma imagem"* (1999, p.92). Nessas relações complexas com a imagem é que práticas de formação e

transformação dos discentes a respeito da Libras, do sujeito surdo e de todas as demais questões que perpassam essa temática podem produzir-se.

Voltando à questão do dispositivo, uma de suas características é "*responder a uma urgência*" (FOUCAULT, 1979, p.138) em um determinando momento histórico. O dispositivo cinema tem nesse projeto o intuito de responder questões aos participantes sobre a surdez e a Libras, assim como o desenvolvimento de suas potencialidades linguísticas para o aprendizado e aprofundamento dessa língua. O dispositivo cinema emerge nesse contexto como uma função estratégica dominante, a fim de estabelecer outra relação entre os sujeitos participantes e a área da educação de surdos.

O Projeto de ensino CineLibras: contribuições para os futuros professores

Como dito anteriormente, a proposta do texto é movimentar, problematizar sobre o projeto que vem sendo desenvolvido com seus participantes. Nesse contexto, trazemos algumas considerações de como o projeto iniciou e sobre como ele vem se desenvolvendo até o momento.

O projeto iniciou no segundo semestre de 2016, contemplando uma turma de graduandos iniciantes na disciplina de Libras, e outra turma com alunos em nível intermediário de fluência na língua. O intuito de juntar esses dois grupos com níveis de conhecimento e fluência em Libras distintos era proporcionar momentos de troca entre os discentes mais fluentes e os iniciantes, além de uma discussão mais aprofundada das temáticas apresentadas nos filmes.

O objetivo principal do projeto foi, por meio de exibição de filmes que apresentem sujeitos surdos e o cotidiano de suas vidas, oportunizar momentos de discussão e troca de experiências entre alunos e entre estes e os professores, assim como um aprofundamento teórico sobre diversos temas da atualidade no contexto da educação de surdos. Nesse sentido, o projeto desenvolveu-se com encontros quinzenais, presenciais, em que os

alunos assistiram aos filmes sobre a temática da surdez e, após, discutiram e problematizaram a respeito dos temas empreendidos no filme em questão, com o auxílio das professoras.

Os encontros tiveram duração de aproximadamente três horas, ou seja, em torno de duas horas para assistirmos ao filme e mais uma hora de debate e discussões sobre os temas abordados no mesmo, mais o tempo para a escrita dos alunos sobre suas impressões do filme assistido. Assim, o projeto é dividido em três momentos: o momento da sessão de cinema, o momento da discussão sobre a temática abordada no filme e, por fim, o momento da escrita dos alunos.

Atualmente existem vários filmes que tratam da temática da surdez e da língua de sinais. Esse fato tem se tornado muito importante para a comunidade surda, pois durante muito tempo e em algumas situações atuais, os surdos não tiveram seus direitos garantidos e não eram vistos como iguais perante a sociedade ouvinte. Com as mobilizações, os movimentos e as militâncias surdas cada vez mais fortes, a comunidade surda tem lutado para que haja cada vez mais acessibilidade no cinema, ou seja, para que as salas de cinema tenham também sessões com legendas em filmes nacionais. Atualmente há movimentos em favor da acessibilidade dos surdos às salas de cinema como a campanha "Legenda para Quem não Ouve, mas se Emociona".

Essa campanha teve início no ano de 2004 e tem mobilizado os surdos de todo o país. Os organizadores já produziram um manifesto para a legenda nacional e buscam promover a conscientização para a acessibilidade de surdos em teatros, cinemas e demais espaços. A cada ano, a campanha realiza encontros nos principais festivais de cinema e teatro, como o Festival de Cinema de Gramado, o Festival de Teatro de Curitiba e o Festival de Cinema do Rio de Janeiro. Percebemos que a luta não é atual, apesar de já terem conseguido alguns avanços como a exibição, no 43º Festival de Gramado, em 2015, de dois longas com audiodescrição e legendas para os filmes "O Tempo e o Vento" e "Tropa de Elite". Mesmo com a conquista da legenda em dois filmes, esse número

ainda é pequeno. E mais, os surdos querem e têm direito de ter acesso aos filmes em sua língua, ou seja, o filme traduzido para a Libras.

Mais recentemente os surdos tiveram esse direito atendido em 2015, através da produtora O Som da Luz, a qual criou o Festival de Cinema Acessível em Porto Alegre. O Festival contou com a exibição de cinco longas-metragens com a acessibilidade de audiodescrição, legenda e interpretação em Libras. Os cinco filmes acessíveis foram: Saneamento Básico; Dois Filhos de Francisco; O Tempo e o Vento; Tropa de Elite; e O Homem que Copiava. No primeiro semestre de 2016 essas obras foram exibidas nas principais cidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul. A equipe do Festival também tem ido às escolas a fim de exibir os filmes e possibilitar debates sobre a inclusão e a acessibilidade.

No segundo semestre de 2016, o Festival ocorreu em sua segunda etapa e teve algumas empresas privadas como parceiras no projeto. Os filmes exibidos nessa etapa foram: Se Eu Fosse Você; Tropa de Elite 2; e O Palhaço. Outro grande avanço neste ano de 2017 é o Festival de Cinema Acessível Kids, voltado para um público mais jovem. Nessa fase, o Festival tem a parceria de várias instituições e órgãos estaduais buscando um aprimoramento do projeto e maior visibilidade em relação ao direito ao acesso à cultura, e acessibilidade nas diferentes esferas sociais. Mesmo percebendo um grande avanço no cinema para surdos com essas conquistas, é preciso observar que esta é uma luta que já vem de tempos e que necessita de apoiadores, financiadores e pessoal habilitado para o processo de tradução/interpretação das cenas.

Voltando ao projeto CineLibras, ele foi desenvolvido em quatro encontros. Em cada um deles, um filme ou documentário foi apresentado. O primeiro filme escolhido para o encontro é o filme "The Hammer", que retrata a trajetória de um menino que nasceu surdo e que superou vários preconceitos e dificuldades por meio da luta greco-romana, até se tornar um lutador de UFC⁶. No filme são abordados assuntos como: preconceito

⁶ UFC é a sigla de Ultimate Fighting Championship, uma organização americana de artes marciais mistas. As lutas desse campeonato envolvem uma mistura de estilos, como o JiuJitsu, Boxe, Wrestling, MuayThay, etc.

da família e amigos por não conhecerem a cultura e comunidade surda; a luta até hoje vista pelas famílias que desconhecem a Língua de Sinais, em optar que seu filho oralize, buscando uma normalização do sujeito, para que ele se pareça o mais próximo possível com o ouvinte; a experiência visual, marcador cultural surdo que está presente no cotidiano da comunidade surda.



Figura 1: Filme The Hammer

Fonte: <https://www.google.com.br/search-> acessado em: 31.03.2017

O segundo filme do projeto foi o documentário "Sou Surda e Não Sabia", que conta a história de Sandrine, uma moça que por vários anos não sabia que era surda. Surda de nascença, ela é filha de pais ouvintes, e por anos frequentou a escola regular sem entender o que a professora ensinava. Um de seus maiores questionamentos era como as demais crianças compreendiam o que a professora transmitia e ela não; para que as pessoas mexem a boca; o que significa, qual é o sentido do som. Esse documentário trata de assuntos como: a diferente perspectiva de som entre as pessoas surdas e ouvintes; a diferença da língua oral para a língua de sinais; também aborda as diferentes perspectivas sobre o implante coclear e a oralização para crianças surdas.



Figura 2: Filme Sou surda e não sabia

Fonte: <https://www.google.com.br/search-> acessado em: 31.03.2017

O terceiro filme foi "A Família Bélier", uma comédia e drama que conta a história de uma família em que pai, mãe e irmão são surdos, e Paula, a filha que é ouvinte. No filme, Paula, desde pequena, é a porta-voz da família Bélier, ou seja, ela interpreta para seus pais os discursos em diferentes lugares, como a feira em que vendem seus queijos, as consultas ao ginecologista para sua mãe, a campanha para prefeito, etc. Na escola em que frequenta, ela descobre que possui um dom para o canto e é convidada a ir para Paris, a fim de participar de uma seleção para uma das melhores escolas de canto do país. Isso gera dilemas entre a menina e sua família. Alguns temas são trazidos no filme, tais como: a situação de um filho ouvinte numa família de surdos; as diferentes experiências e vivências entre uma família surda e uma família ouvinte; o despreparo da sociedade ouvinte para receber e/ou adaptar a música, as palestras e demais acontecimentos aos surdos.



Figura 3: Filme A família Bélier

Fonte: <https://www.google.com.br/search-> acessado em: 31.03.2017

No último encontro do projeto foi trazido o filme "Black", o qual conta a história de uma menina surdocega, Michelle, que não consegue se comunicar com sua família e, tampouco se expressar. Seus pais, desesperados por não conseguirem estabelecer nenhuma comunicação com ela, e duvidosos quanto aos comportamentos de sua filha, ficam indecisos se a levam para um manicômio ou contratam um professor (Debraj) de surdocegos para ensiná-la. Ao optarem pelo professor, deparam-se com seus métodos de ensino pouco convencionais, mas que levam Michelle a um aprendizado a longo prazo. Com o tempo, Michelle passa a compreender o mundo a sua volta por meio tátil, se alfabetiza, termina seus estudos e consegue, por meio de seu tutor Debraj, uma vaga na Universidade. No entanto, seu tutor, que a acompanhou durante toda a vida, desenvolve a doença de Alzheimer e começa a esquecer-se de tudo. Apesar disso, Michelle consegue se formar e em seu discurso final dá uma lição de perseverança. Os temas abordados no filme são: as dificuldades encontradas por pessoas surdas, surdocegas e cegas no que se refere ao desenvolvimento de habilidades cognitivas e concepção de mundo; o despreparo tanto de escolas quanto de universidades para a inclusão desses sujeitos; as diferentes formas e metodologias possíveis de serem utilizadas para o ensino-aprendizagem desses alunos.



Figura 4: Filme Black

Fonte: <https://www.google.com.br/search-> acessado em: 31.03.2017

Durante os quatro encontros, pudemos trabalhar com vários assuntos, vários contextos e temas que são tão atuais, e que ainda geram desconforto, preconceito e certo desconhecimento por parte de quem não convive com a surdez de perto. Nesse sentido, em cada sessão abriu-se a oportunidade de novos conhecimentos, a fim de que os participantes pudessem ser levados a pensar, a questionar, a experienciar o filme e as questões trazidas, de modo que ao final de cada encontro, nunca saiam os mesmos.

A experiência aqui é entendida como nos mostra Foucault, como uma "correlação [...] entre campos de saber, tipos de normalidade e formas de subjetivação" (2006, p.193). Ela, então, está muito relacionada com o tema dos modos de subjetivação, mas podemos pensar esses modos de subjetivação como sendo frutos, ou constituídos a partir disso. Ou seja, a noção de experiência aqui é entendida como o sair, sair de si e mover-se em direção ao outro, experimentar outro e, nessa experiência, não há como sermos outros, ou sermos assujeitados sem que estejamos disponíveis para o sermos. Dessa forma, o sujeito tem a possibilidade de um novo encontro com ele mesmo, de uma forma diferentemente outra. Essa transformação é possível através das viagens que o filme nos oferece.

Nessa viagem, é possível uma suspensão e uma projeção do sujeito em relação à outra coisa, que faz com que ele possa transformar-se.

Conclusões sem fim: o projeto em continuação

A respeito do que foi exposto no decorrer do texto, esse projeto de ensino caracteriza-se por possibilidades de debates, sem encontrar uma verdade ou fórmula absoluta de conduzir as sessões e as discussões a respeito dos filmes. Assim, as balizas metodológicas desse projeto se deram sob o enfoque de possibilidades e descobertas ao longo dos encontros. A fim de descrever como tentamos desenvolver o projeto, baseamo-nos nas palavras de Costa (2007, p.14):

Estamos começando a trilhar novos e diferentes caminhos, e que estes podem nos levar a descobrir espaços cotidianos de luta na produção de significados distintos daqueles que vêm nos aprisionando, há séculos, em uma naturalizada concepção unitária de mundo e de vida.

Nesse sentido, não houve no decorrer do projeto uma preocupação com uma metodologia única e pré-definida para os encontros, mas todos eles foram sendo delineados tanto por nós, docentes, quanto pelos discentes participantes. A intenção do projeto em nenhum momento também foi investir em discussões binárias entre os modos de ser sujeito surdo no contexto atual, as melhores possibilidades de ensino para esses sujeitos, as formas de aquisição linguística e cultura desse grupo. O que esteve em jogo a todo o momento no projeto foi a busca em conduzir os participantes a pensar a alteridade, ou seja, o outro que é surdo.

A alteridade nesse sentido é a qualidade, a característica do que é do outro, ou seja, o que é diferente, distinto no outro. Segundo Skliar (1999, p.18), a alteridade “resulta de uma produção histórica e linguística, da invenção desses Outros que não somos, em aparência, nós mesmos”. A partir dessa concepção que temos sobre nós mesmo e o que é do outro, muitas vezes corremos o risco de constituir uma “alteridade deficiente”, servindo essa de base para as diferentes formas de exclusão que produz a

normalidade no mundo atual (Idem, p.15). A alteridade, a partir desses novos delineamentos, constitui e é constituída por discursos que lhe dão novos significados e perspectivas. Em um mundo onde tudo acontece tão rápido e tão naturalmente, as identidades são criadas e fragmentadas sem nem percebermos ou termos tempo de aceitar ou não essa fragmentação.

A “alteridade deficiente”, uma dessas novas identidades criadas, “é um exemplo da voracidade com que o mundo moderno, sem soluções inventa e exclui esses outros” (SKLIAR, 1999, p.16), nesse caso, os surdos. É na comparação com esses outros que se reforça que o sujeito ouvinte muitas vezes se entende de um jeito, e entende o surdo como o outro, no caso, o outro deficiente. Juntamente com outros grupos minoritários, os surdos são fixados como parte desses outros deficientes e, portanto, muitas vezes excluídos, pois ainda são vistos como sujeitos da falta. Ao contrário disso, Skliar (1999) nos faz pensar outra forma de perceber os sujeitos surdos, a partir de uma alteridade da diferença. Ele diz que

[...] a alteridade surda pode ser melhor compreendida a partir da ruptura de significados referidos à deficiência auditiva e suas ramificações e rarificações discursivas. Ao compreender os surdos como sujeitos visuais, nenhuma das narrativas habituais sobre os surdos permanece encerrada na tradição dos ouvidos incompletos e limitados (p.24).

Trazer essas nuances, esse olhar em relação ao surdo e à alteridade surda, foi a tentativa de proposta durante o desenvolvimento do projeto. Potencializar diferentes formas de pensar as relações do surdo com a sociedade ouvinte, de desmistificar conceitos e verdades absolutas constituídas pelo senso comum, e colocar-se no lugar do outro, na busca de tentar tornar acessível, tanto para ouvintes quanto para surdos, a comunicação.

Finalizamos o projeto com a primeira turma, mas temos a intenção de continuarmos com as sessões oportunizando aos demais discentes a experiência com esses encontros. Pudemos perceber, através das discussões feitas após a exibição dos filmes, que os alunos conseguiram refletir sobre os deslocamentos conceituais e as diversas formas possíveis

de compreender a cultura surda e a língua de sinais. Abaixo, apresentaremos alguns excertos dos alunos em relação ao projeto de ensino CINELIBRAS:

O Cine Libras contribuiu com a minha vida pessoal, mudando a minha maneira de ver as coisas de como o mundo está despreparado para qualquer diferença do “normal”. Com essa experiência acredito que irei fazer qualquer coisa pensando em como alguém com deficiência se sentiria ou faria e com certeza irei repassar essas informações adquiridas e tentar fazer com que as pessoas incluam todos (Aluno A de graduação).

É possível notar o quanto o aluno do excerto abaixo foi tocado ao perceber diferentes realidades culturais exibidas nos filmes. O aluno menciona também o quanto o mundo está despreparado para o que não segue a lógica do “normal”.

O Projeto CineLibras contribuiu, de certa forma, mostrando através de filmes um pouco da vida dos surdos, de suas dificuldades, aprendizados e serviu de grande valia. Eu conhecia pouco sobre essa comunidade e através destes filmes e aulas consegui aprender muito, o que contribuiu para a minha formação pessoal e profissional (Aluno B de graduação).

Neste excerto, o aluno expõe que anteriormente ao projeto ele não tinha nenhum conhecimento sobre a comunidade surda e as dificuldades que essa comunidade apresenta no mundo majoritário ouvinte. Salienta também que, como futuro profissional, ele acredita que saberá lidar com situações de diversidade.

O CineLibras me ajudou a ver a realidade de pessoas surdas, ainda que seja só um pouco, mas para uma pessoa como eu que nunca tive contato com a Comunidade Surda foi bem ilustrativo e interessante. Com certeza após ver os filmes exibidos, minha perspectiva de como seria a vida de uma pessoa surda foi drasticamente alterada (Aluno C de graduação).

No último excerto, o aluno manifesta que sua visão de mundo foi drasticamente modificada após a exibição dos filmes do projeto Cinelibras.

Dessa forma, o projeto cumpriu com seus objetivos, que eram oportunizar momentos de discussão e de troca para repensar de que maneira as pessoas surdas são vistas pela sociedade e como elas possuem estratégias de sobrevivência em nosso mundo despreparado para a diversidade. A cultura surda foi o elemento principal em todas as discussões propostas. Conseguimos oportunizar momentos de reflexão sobre o papel da língua de sinais na vida das pessoas surdas e, conseqüentemente, instigar os alunos a pensarem sobre elementos da cultura surda presentes nos filmes exibidos. Nesse sentido, consideramos satisfatórios os momentos de discussão que foram oportunizados nessa edição e esperamos poder oportunizar outras edições do projeto CineLibras.

Para futuras edições pensamos em ampliar o número de filmes exibidos e reservar um local maior para que seja possível a participação de mais acadêmicos. Esperamos que o projeto tenha colaborado na formação de futuros professores, através das discussões sobre alguns temas relativos à surdez, como a importância da língua de sinais para o seu desenvolvimento e apreensão de mundo; as diferenças existentes para ensinar alunos ouvintes e alunos surdos; a não inserção somente do aluno surdo no ambiente escolar, mas sua efetiva inclusão por meio da aprendizagem da Libras como primeira língua, além de outras estratégias para que se garanta essa inclusão.

Referências

AGAMBEN, G. *O que é o Contemporâneo?* E outros ensaios. Giorgio Agamben; [tradutor Vinícius Nicastro Honesco]. Chapecó, SC: Ed. Argos, 2010.

BRASIL. *Lei nº 10436*, de 24 de Abril de 2002: Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm> Acesso em: 18 Ago. 2016.

BRASIL. *Decreto nº. 5.626*, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de

- Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República – Casa Civil, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 18 fev. 2014.
- FERREIRA-BRITTO, L. *Por uma Gramática de Línguas de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- FISCHER, R. M. B. A Paixão de Trabalhar com FOUCAULT. In: COSTA, M. V. (Org.) *Caminhos Investigativos I: Novos olhares nas pesquisas em educação*. 3.ed. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2007, p. 39-60.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979/1999.
- _____. O Cuidado com a Verdade. In: FOUCAULT, M. (Org) *Ditos e Escritos. Ética, Sexualidade, Política*. (Vol. V), Rio de Janeiro, 2ed. Forense Universitária, 2006, p. 240-251.
- GOMES, A. P. G. *O Imperativo da Cultura Surda no Plano Conceitual: emergência, preservação e estratégias nos enunciados discursivos*. 2011. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria/UFSM - 2011.
- HALL, S. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 22, nº. 2, jul/dez., 1997, p.15-46.
- KARNOPP; L.B; KLEIN, M; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. Imperativos da Cultura Surda Brasileira. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Org.) *Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. - Canoas: Ed. ULBRA, 2011, p.15-28.
- LAZZARIN, L. F. Problematizações sobre o ensino de Artes Visuais e a Educação Musical. *Revista Digital do LAV*, v. 2, 2009, p.1-17.
- PINHEIRO, D. *You Tube como Pedagogia Cultural: espaços de produção, circulação e consumo da cultura surda*. Santa Maria, 2012. 80f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria/UFSM.
- VEIGA-NETO, A. Cultura, Culturas e Educação. *Revista Brasileira de Educação*. n. 23, p.5-15, Mai/Jun/Jul/Ago 2003